



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

20 de Dezembro de 2008 • Ano LXV • N.º 1690
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4660-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Advento

ESTAMOS em pleno tempo de Advento. É um tempo fascinante... Mas, a pressa do consumo em «pôr a mesa», esvazia facilmente o seu conteúdo... Toda a mensagem cristã, litúrgica, do Advento está carregada de densidade e expectativa. Como nas grandes festas, o Advento é uma grande vigília. O Advento ensina-nos o que deve ser a nossa vida toda: uma espera vigilante de Deus, sempre surpreendente e inolvidável. O Senhor Jesus – que já veio – vem todos os dias à nossa vida, de forma discreta, escondida. Uma criança, um sem-abrigo, um doente oncológico... são sinais da Sua chegada

discreta e misteriosa. A Sagrada Escritura compara-a ao faiscar do relâmpago no horizonte ou ao súbito assalto do ladrão... aconselhando-nos a estar preparados. A atitude das «virgens prudentes», que não descuraram o azeite nas almotolias, nem cederam ao sono é aquela que melhor elucida este carácter vigilante.

A liturgia faz ecoar, como toque de trombeta, «o Maranatha» que quer dizer «vem Senhor Jesus» Este é um grito insistente que o Espírito Santo coloca na boca da Sua Igreja ao longo deste santo tempo: «Vem Senhor Jesus».

Nunca como hoje no nosso mundo se presente esta necessidade de gritar «Maranatha»... Vem Senhor Jesus! E dizemos nós: Vem Senhor Jesus, vem pôr luz nas fontes da vida, a mesma luz no coração dos homens. E para que não haja crianças que morram de poucos dias ou velhinhos sem pão nem lar, iremos todos pensar no Amor e apressá-lo nos nossos gestos e nas nossas palavras. É certo que não é fácil... pois trata-se de um caminho longo e, por vezes, escarpado, tortuoso...

João Baptista, o profeta incómodo, é, contudo, um apelo a não desanimarmos. A Virgem Santa Maria, a Mãe do Advento, é uma Mão amiga e carinhosa com quem podemos contar nesta expectativa amorosa de Jesus que vem salvar-nos. Só com estas disposições de Advento entraremos na verdade do Natal que se aproxima; compreenderemos melhor os natais que já somamos; viveremos do eterno Natal que Jesus nos oferece.

Padre João

CALVÁRIO

Súplica

ERA manhãzinha. Abri a porta de um quarto e ouvi o gemido suplicante dum doente acamado:

— Estou borrado. Preciso de ser limpo, senhor Padre.

Não estranhei a súplica, nem o à-vontade com que foi dita em vernáculo.

— Ó Carlos, vamos.

E o Carlos veio, logo, com os apetrechos todos. O doente é um ser completamente paralisado. Fica onde o colocam. Está totalmente dependente e, por isso, tem de ser tratado com todos os cuidados. Ora, o Carlos é mestre nestes serviços.

— *Segure aqui que eu faço* — disse, de pronto o rapaz.

Gosto de ver os doentes a cuidarem uns dos outros. E, depois, é confortável vê-los aseados e frescos com a devoção dos que podem, ainda, dar a mão aos seus irmãos. Para os estimular colaboro nas tarefas ao lado deles. Outras vezes são eles ao meu lado. Se eu fôra o «senhor director» teria subalternos e diria a um: — faz isto, e ele executava. Aqui não: o doente chama e a gente vai. Vamos todos.

Hoje a especialização está na moda. Para cada serviço ou assunto temos o técnico. Ora, como não sou especialista vou aonde e quando me chamam.

No Evangelho os doentes suplicavam pelo Mestre e Ele ia. Eram leprosos, paralisados, epiléticos.

Em tempos, esteve entre nós um Senhor Bispo a passar uns dias. Veio de um país distante. Também ouviu coisas semelhantes. Deu de comer aos doentes e deitou a mão a muitas tarefas humildes. Pois então!

A Igreja precisa de descer para fazer subir. Aqui todos descem e todos sobem. Descem no serviço dos mais carecidos e sobem na admiração de quem os vê, pois eles são muito capazes. É este o caminho que a Igreja tem pela frente: ser humilde nos seus actos. E então será apreciada.

A trajetória divina para salvar os homens foi descendente. Deus desceu até nós em Cristo e Cristo veio ao encontro dos mais fracos e pobres, para finalmente tombar no conceito dos poderosos do Seu tempo que o levaram à morte. E ainda hoje continua a esconder-se nos altares e na pessoa dos pobres e simples.

A Igreja não pode antecipar etapas. Ela só será triunfante na Casa do Pai Celeste.

Padre Baptista

PÃO DE VIDA

O menino está connosco!

NINGUÉM que tenha escutado a palavra *Jesus*, pode ficar indiferente à proximidade do Natal. O centro deste tempo vai sendo afastado do Nome.

Viveu a sua infância numa casa humilde, da sua família de Nazaré, atento à circunstância. Na região da Galileia, havia crianças que sofriam fome, doenças e orfandade. Jesus viu e sentiu o padecimento delas.

A sua atitude com os membros mais débeis da sociedade é revolucionária, pacífica: «*Deixai vir a Mim os pequeninos e não os afasteis*» (Mc 10,14).

Quando as famílias falham ou não existem, os mais pequenos ficam indefesos e vulneráveis.

Nesta missão, entre as respostas possíveis, a nossa Família encontra-se no fim da linha... Por vezes, chegam-nos gemidos dos últimos. São frequentes de adolescentes desorientados.

Numa manhã, cheia, de segunda-feira, depois do primeiro almoço, do corropio dos Rapazes para as Escolas e de obrigações domésticas, pelos pequenos, era preciso estar no Altar.

Entretanto, o telefone não parava de tocar. Apurámos que o S.O.S. era válido e provinha do Ribatejo. Solicitava-se o *acolhimento institucional, muito urgente, de dois menores, de 5 e 8 anos*, considerando que não havia outra alternativa...

Como nenhuma porta se abriu, nesse mesmo dia, fizemos-nos ao caminho, mais rápido, à procura das *crianças em risco*. No final da longa viagem, encontrámos os irmãos. Na presença do docente que nos acompanhava e do técnico oficial, a professora do Diogo rematou: «*Finalmente, alguma coisa funcionou, neste País...*»

Os Pobres, de verdade, são *ossos senhores*, disse S. Vicente de Paulo. E mostraram-nos, também, o que é essencial. No encontro com os simples, sente-se a *boa notícia* que os pastores, na margem social, escutam.

Dois dias depois, voltámos a esse lugar recôndito. Neste Outono, gélido, como não tiveram lugar nas *hospedarias*, estas crianças deixaram as planuras, com *acordo legal de promoção e protecção*, até que saltaram montes, da serra da Lousã, com picos brancos. E vieram aconchegar-se, nas nos-

sas palhinhas, da casa-mãe de Miranda do Corvo, embaladas pelo afecto da senhora, mãe da Família.

Por causa da desagregação e incapacidade familiar, os nossos braços abriram-se para estes filhos.

O João, mais pequeno, veio dulcificar o nosso ambiente, mais espigado. No nosso presépio vivo, vêm exteriorizando a sua alegria. Os seus estômagos têm recebido, gradualmente, alguns alimentos necessários, a que não estavam habituados. As suas debilidades exigem mais atenção e cuidados médicos e de higiene.

Para favorecer o desenvolvimento harmonioso de qualquer criança, é necessário promover condições humanas e de saúde.

O abandono e a fragilidade humana são marcas que nos comprometem. Deus vela pelas suas criaturas. E, também, com as nossas mãos e o nosso coração.

O Menino Jesus foi acolhido, prontamente, no seio de Maria, que O «*envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria*» (Lc 2,7).

Ele veio, com a nossa carne, o seu Corpo, para nos explicar que todo o ser humano é um valor único, por si mesmo.

Por ano, morrem 4 milhões de recém-nascidos com menos de 26 dias de vida.

O Senhor é fiel à sua promessa. Jesus vem sempre até nós. E nestes dias de ternura e encanto.

Se estes meninos não eram de ninguém, agora, também, são teus. O Menino está connosco!

Padre Manuel Mendes

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

AS CONFERÊNCIAS SÃO DIFERENTES E SÃO PRECISAS

— Nesta crónica de final de ano, deixamos-vos aqui um reflexo sugerida por um tipo de acontecimento que, nesta época, acontece, cada vez com mais frequência, por esse país fora no que se refere aos Pobres. Estamos a referir-nos às festas, jantares e cabazes de Natal organizados por instituições públicas, com dinheiro dos contribuintes, nomeadamente as autarquias locais. É bom que estas entidades dediquem cada vez mais e melhor atenção aos Pobres das suas terras e que organizem festas, jantares, cabazes e outras iniciativas para os ajudarem. Todos são bem vindos a esta causa e não serão demais.

O que se pode perguntar é se, com tanta boa vontade da parte dessas instituições da Administração Pública, não está a chegar o dia em que o Estado e as instituições que dele dependem vão cuidar bem de todos os Pobres, deixando de ser precisas organizações como as Conferências Vicentinas. Não nos parece que assim seja. Essas instituições da Administração Pública, pela sua própria natureza, acabam sempre por fazer uma coisa quando lidam com os Pobres: precisam de dar nas vistas, precisam que o que fazem seja publicitado para, com isso, angariar votos nas eleições. Os Vicentinos não estão nesse jogo eleitoral e, se estiverem, não são verdadeiros Vicentinos. O que fazem em prol dos Pobres deve ser feito da forma o mais anónima possível. Por isso, as Conferências são diferentes. Por isso, as Conferências são precisas. Para todos vós os nossos Votos de um Santo Natal e de um 2009 na Graça de Deus.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Américo Mendes

PAÇO DE SOUSA

OFERTAS — Recebemos de São Martinho de Sardouce — Castelo de Paiva — géneros alimentares e afins. Esta generosa oferta, foi-nos providenciada pelas pessoas dessa paróquia, a quem agradecemos.

REFEITÓRIO — Já enfeitámos o refeitório para a nossa quadra natalícia. Ficou bonito e acolher.

Os Rapazes enfeitaram, também, as suas casas.

ALDEIA — Andou em limpezas e estão, finalmente, terminadas. As sebes e arbustos foram aparados e as ruas foram libertas das folhas que foram caindo. Uma Aldeia bonita.

«Almeidinha»

DESPORTO — Falta de humildade e de brio, foi o que alguns dos

nossos Rapazes tiveram no dia 22 de Novembro, a quando do jogo com a S. C. Duas Igrejas da A. F. P. nos primeiros 45 minutos. Às vezes, também têm destas coisas!...

Entraram em campo com ar de superioridade; desvalorizando e subestimando o adversário! É um erro do tamanho da Torre dos Clérigos! Não gosto. É uma postura que não dignifica ninguém. Mesmo assim, Agostinho marcou o primeiro golo do encontro, fazendo 1-0; e o 2-0, esteve a cargo de Erickson. Eles fizeram o 2-1, mostraram como se troca a bola, dando uma lição de futebol aos convencidos!

No tempo de descanso, e, dentro das quatro paredes do balneário, falamos..., falamos... e voltamos a falar. Talvez por isso, na segunda metade do jogo, foi um «ver se te havias, antes que seja tarde». Eles ainda conseguiram marcar mais dois, mas, Erickson voltou a marcar mais (3), estava em dia sim; Ronaldo (1); Ricardo Sérgio (1); Joel (1); Ilídio, que não brinca em serviço (1); Joaquina (2) e Nírox, que vai ter que se desabituvar de ser o «brinca na areia» cá da zona (3). Passou-se assim! Nesta altura do campeonato, vão quatro com os mesmos golos no primeiro lugar da lista dos melhores marcadores.

Uma semana depois, sentei-me para tentar fazer o relato do jogo do fim-de-semana, mas antes, quis dar uma vista de olhos pelo nosso jornal, apesar de já o ter lido.

Parei no artigo que o nosso Padre Manuel Mendes escreveu.

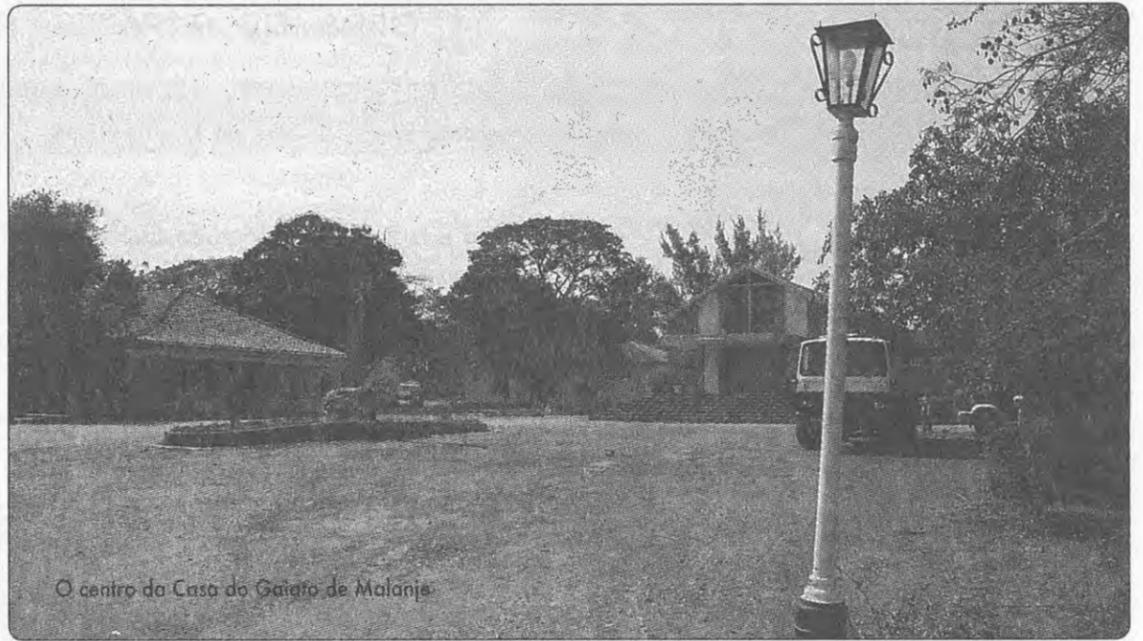
Como o futebol é fundamental em nossas Casas!

«...Vieram à procura de acolhimento para um Rapaz de 9 anos. (...) Entretanto, indagamos: — Queres vir para a nossa Casa?; ao que, logo, respondeu: — Sim quero!

O garoto tem-se adaptado bem, na nossa vida familiar e escolar. Duas vertentes têm-no cativado: a alimentação e o desporto (...). Mas diz mais: «Incutir regras (...). Que bom! Incutir regras é fundamental! Nem todos (...) aceitam logo à primeira, mas não se pode desanimar, porque, como o Padre Manuel Mendes diz: «(...) Estas técnicas são simples e dão resultado: um lugar à mesa, incutir regras e uma bola nos pés na sua própria Casa».

Ora aí está! «...na sua própria Casa». Regras, são regras!

Mas vamos ao resumo do jogo. Esta semana recebemos os Juniores do S. C. Rio de Moinhos da A. F. P. Um dia com muita chuva e frio. Daí, o campo ter ficado completamente enlameado e quase impróprio para a prática da modalidade. Alguns dos nossos Rapazes tudo fizeram, mas a vitória, essa, acabou por nos fugir!... Agostinho marcou o primeiro golo do encontro; e Rogério, marcou os seus dois primeiros golos da época, não tendo sido o suficiente, para nos mantermos à frente do marcador. Um jogo difícil, e com os nossos Rapazes muito pouco eficazes na zona de remate para fazer o golo. Há dias assim! No entanto, quando não se é capaz, e teimosamente se persiste no erro de não querer defender o resultado, que por sinal esteve a nosso



favor, acontecem desaires como este. Não foram muitos: perdemos 3-6. Imitamos aqueles que ganham milhões... a sofrer golos!

Em relação à equipa de arbitragem, chefiada pelo Hugo Cruz, tudo bem. Sempre em cima dos lances, apitando aqui e ali, mas deixando jogar, sem nunca influenciar o resultado. No entanto, sem dar muito nas vistas, acabou por expulsar um dos nossos Rapazes, o que nos obrigou a fazer a 2.ª parte, com 10 elementos. Paciência!

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

AGRO-PECUÁRIA — O Outono deste ano tem sido muito frio, agravado pela humidade. Na serra da Lousã, viu-se neve, que era uma beleza. Também choveu muito, o que foi bom para as terras.

As couves serranas estão grandes e dão para o caldo verde, que comemos bem. As couves tronchudas desenvolveram-se e as folhas estão uma maravilha. Algumas alfaces, que foram plantadas e gostamos, estão bonitas. A 19 de Novembro, plantou-se algum cebolo e mais alfaces.

As laranjas e as tangerinas estão a ficar boas. É preciso respeitá-las, porque são para todos...

Nos vasos dos azulejos, do átrio da nossa Casa, plantaram-se amores-perfeitos, que têm resistido.

Nos bataréus, colocou-se rede ovelheira, para as ovelhas poderem pastar à vontade; e, assim, não se deixam crescer as ervas.

Como era preciso carne, foram abatidos uma porca, um carneiro e uma cabra.

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — O nosso quintal estava a precisar de ser arranjado. Os senhores Pedro e Emídio cortaram as ervas daninhas, como é hábito. Por vezes, recebemos alguns bens, nesta nossa Casa, que devem ser entregues aos responsáveis.

MAGUSTO — Os antigos Gaia-tos e familiares do Centro organizaram um magusto, a 16 de Novembro, Domingo, de tarde. Estiveram presentes vários. Foram assadas castanhas, que nos ofereceram, junto às oficinas, com caruma dos nossos montes. Depois, foi servida uma boa merenda para a nossa Comunidade, no salão.

DESPORTO — Os matraquilhos, o pingue-pongue e o bilhar têm sempre adeptos. O Diogo Miguel e o João Miguel, novos, não largam os matreços, nos intervalos. Aos Sábados de tarde e Domingos de manhã, continuamos a dar uns chutos na bola. A 22 de Novembro, jogámos e ganhámos ao Lar de Semide (Caritas), por 5-4.

TEATRO — A 3 de Dezembro, chovia muito e havia greve de professores, os Rapazes na nossa Escola do 1.º Ciclo e que frequentam a EB 2,3 c/ Sec. de Miranda do Corvo, foram ver «O Natal do Sr. Scrooge», de Charles Dickens, ao teatro da Cerca de S. Bernardo.

D. MARIA DO ROSÁRIO — Esta Senhora da nossa Casa tem 82 anos. Está a fazer fisioterapia, às pernas, levada pelos Bombeiros da Vila.

ANIVERSÁRIOS — Este ano, temos festejado, nas refeições. Em Novembro, ainda fez anos: a 25, João Pelengana (19 anos). Em Dezembro: a 1, Miguel (16 anos), a 6, Bacar (13 anos). Parabéns!

CONTACTOS — O nosso fax (239 532 099) esteve avariado. O nosso telefone é: 239 532 125. A nossa morada é: Casa do Gaiato, Bujos, 3220-034 Miranda do Corvo.

BENS — A vida está difícil para todos. A motocultivadora e a roçadora foram consertar. Nesta época, gasta-se mais gás, que é caro. Ficamos muito gratos aos Amigos que nos têm ajudado, com a sua partilha. Ora vejam: «Já que não tenho forças nas mãos para ir levar o leite...»

Agradecemos ofertas de bens alimentares e outros, do Banco Alimentar, e de várias localidades, como: Coimbra, Soure, Belide, Chão de Couce, Vila Nova de Poiães, Lamas, Vale de Neira, Lousã, Miranda do Corvo. Os Amigos de Vila do Conde trouxeram peixe e muita amizade. Muito obrigado. Que o Menino Jesus encha de luz e alegria o Presépio de todos!

Alunos do Alternativo

SETÚBAL

ESCOLA — Estamos no final do primeiro período da Escola e da Música. A Escola correu mais ou menos aos nossos rapazes. Alguns não se portaram muito bem, mas outros bem. A Música este período, tirando um caso, correu muito bem. Não é fácil estudar música, é preciso muito estudo, entusiasmo e interesse. Ainda não sabemos os resultados, mas esperamos que haja notas boas.

RAPAZ NOVO — Aqui há pouco tempo, recebemos um rapaz novo chamado Mamadú. Tem 6 anos de idade e nasceu na Guiné. Ele está na casa-mãe e já anda na escola no primeiro ano. Quando ele veio tinha uma ferida na bochecha, e por isso tem de fazer o penso. Ele não se dá muito bem com o «Jo» e com o Isafias, pois andam sempre à bulha. Esperamos que ele goste da nossa Casa e nos dê carinho.

VICENTINOS — No dia 6 de Dezembro recebemos um grupo chamado Vicentinos. Eles trouxeram coisas, tiveram uma reunião na capela sobre a Virgem Maria. Às 6 horas tiveram a Missa e no fim tivemos um lanche. Os nossos rapazes gostaram muito desta visita. Esperamos que venham mais vezes à nossa Casa visitar-nos e vir às nossas missas.



BENGUELA

Comunhão

O Natal está a chegar. E bate à porta do coração de todos. É a hora de despertarmos do sono da indiferença, do egoísmo. É a hora da partilha do que temos e somos. Deste modo, a nossa vida muda e se transforma em pão vivo para matar a fome dos que nos procuram e estão à nossa espera. As fomes são mais do que uma!

Estou a escrever-vos num dia lindo. É a Festa da Imaculada Conceição. Que seria do mundo sem o coração pobre, humilde, escondido, desta Menina e Senhora? A esperança mais humana e universal morava naquele coração. O amor sem limites é a força libertadora e revolucionária do mundo novo, ao jeito duma família. Quem dera désssemos as mãos aos que mais precisam para caminharmos juntos de cabeça erguida e coração levantado!

Choveu muito, nesta noite. Os bairros ficaram cheios de lama e muitas casas estão ameaçadas de cair. É um problema grave que se repete, porque o material de cons-

trução é provisório. A maioria do povo não pode construir as suas habitações com material definitivo, porque não tem dinheiro para o comprar. Os pais e mães de família batem à nossa porta à procura de ajuda. Há pouco tempo, centenas de chapas foram distribuídas, mas as paredes não resistem à violência da chuva e do vento. Que fazer? Não podemos ficar de braços cruzados. A pouco e pouco, conforme o vosso coração nos vai ajudando, compramos cimento e areia para distribuir. Quem dera cada comunidade cuidasse dos seus pobres, de tal modo que os mais fortes dessem a mão aos mais fracos. Deste modo, toda a ajuda vinda de fora da comunidade seria muito mais eficaz e chegaria a um número maior de membros. Continuamos a viver da esperança escondida nos corações pobres e humildes.

Aquela mulher e mãe de cinco filhos é um símbolo da maioria das nossas mães. Vivem na dependência quase total das ajudas que, duma forma ou dou-

tra, recebem dos corações bons. Abandonadas pelos homens que as acompanhavam, ou viúvas, ficam entregues a si mesmas, de braços estendidos, à espera de quem lhes dê as mãos. Estou a vê-la sentada, com um filho ao colo e outro agarrado às suas pernas. Todos os sábados leva a comida para a semana inteira. Regressa contente à sua casinha com a promessa de se manter fiel à sua dignidade de mãe e mulher. Deste modo, estamos também a viver a preparação para a Festa do Natal

As obras de recuperação duma parte importante das residências dos nossos rapazes continuam. Levam-nos um pedaço grande do bolo dos nossos fundos. Com a esperança sempre viva de que não há-de faltar o necessário, graças à generosidade do coração doutra mulher, vamos continuar.

Dentro de momentos, a nossa carrinha saltará de alegria na estrada cheia de buracos, a caminho da praia, cheia de filhos que são nossos, mas também vos pertencem. É o calor deste clima tropical que os convida para o banho nas águas mornas do mar de Benguela.

Com votos do Natal cheio de Paz e Alegria, estaremos sempre em comunhão!

Padre Manuel António

DOCTRINA



«Nós, os leprosos!»

É outra vez o Padre Damião Veuster que vai fazer, em O GAIATO, o fundo desta quinzena.

Se o simples conhecimento do que ele fez e disse tem alvoroçado as almas, como não se haviam de queimar na labareda os que tiveram a suprema felicidade do seu convívio e do seu contacto — como?!

Lê-se que os leprosos saíram fora de si ao vê-lo aproximar. Os que tinham perdido a fala, era com os olhos. Se estes estavam já comidos, era por acenos. Se as mãos tinham caído, era o tronco. Tudo mexia. Tudo falava. Saíram fora de si. A lepra a falar à lepra. «Nós, os leprosos».

O Padre Damião era um homem robusto e decidido. Filho de camponeses, tinha amor à terra onde nascera. Gostava de receber cartas, ter notícias da família. Tinha particular receio que se soubesse, e por todos os títulos procurava esconder à Mãe o seu estado de saúde: leproso. Um leproso amador. Não se sabendo hoje qual o sentimento que lhe ia na alma ao fazer assim: se o desgosto que causaria aos seus sabendo-o leproso, se o desejo de esconder à família a sua glória! Leproso por amor!

O nosso apóstolo era um homem de realidades. Tinha um plano. Sabia o que queria e fez tudo como quis. A Graça o chamou ao martírio, não lhe tirou as amarguras do martírio. Ele horrorizava-se diante do horror. Tinha medo. Tinha náuseas. Também ele disse de uma vez, no meio e à vista do mundo que escolhera para ser seu: «Se é possível, Pai Celeste, afastai de mim este cálice». Aquele também quer dizer que antes dele e depois dele, muitos homens têm dito como ele disse. E todos suportam a cruz e todos bebem o cálice pela força e pela mão de Quem primeiramente o fez. É preciso insuflar no mundo estas coisas velhas, para inculcar a caducidade das grandes e das importantes e das modernas, que tanto ocupam as gentes. Os cristãos! Aquele se na boca do Missionário, não era uma condição. Não era. Ele já se havia dado a Deus e aos leprosos incondicionalmente. Era uma súplica. Era uma declaração de fraqueza. «Se é possível...» Foi possível, sim. É possível, sim senhor. É no Getsemani de Jesus que todos nós vamos buscar a Força.

PADRE Damião começa a trabalhar de picareta. Come do rancho dos seus Irmãos. As autoridades não aumentaram a ração com a sua presença na ilha. Não era um elemento oficial. Não foi pedido. Não fazia ali falta nenhuma... Não importa. Havia uma grande população na ilha. A comida, ao repartir, chega sempre e para muitos. Ele tinha o seu quinhão. De resto, como o anjo de Tobias, bem podia ele asseverar que tinha outro alimento. E tinha!

D. Amie. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Continua na próxima edição

SETÚBAL

Linguagem do afecto...

NESTE Natal, o Menino Jesus trouxe-nos um menino que veio de uma terra distante, também no clima e na cultura, porque nela não conseguiram debelar uma infecção que lhe surgiu.

Um menino que pouco sabe de português, mas que conhece a linguagem do afecto e da segurança que o adulto lhe pode dar.

A mão que ele estende confiante a quem o conduz pelos nossos caminhos, foi a mesma mão que eu vi passar no crucifixo de Jesus que está ao alto na nossa sacristia.

Um a um, foi deslizando em cada cravo que figuram aque-

les que pregaram o Menino já Homem, à cruz.

Para uma criança, aqueles cravos, assim pregados, são pontos de interrogação que lhes deixam uma profunda admiração no coração.

Com que suavidade e ternura, o nosso menino passou a sua mãozinha por aquelas mãos de bronze, como que a reacender o gesto que um dia a todos atraiu a Si?!

De facto, não se podem separar estes dois momentos da vida do Menino, Filho do Homem: a sua entrega para a vida e a sua entrega para a morte.

Desta dádiva, recolhe agora esta presença inocente de uma mão que desliza e afaga a imagem do Amor feito homem.

Se não fosse por mais, mas será

por muito mais, já teria valido a pena acolher este menino vindo de longe, na nossa Casa, neste Natal.

Não posso deixar de pensar, neste momento, naqueles meninos que nunca o chegaram a ser, aqui tão perto de nós, porque os que os geraram e os que os deveriam defender, lhes vedaram a vida e o doce momento de tocar a sua fonte.

O Natal tem de ter sempre, também, o sabor amargo da injustiça que com ele coabita, lado a lado o doce com o fel.

Não adianta iludirmos a vida porque a Verdade está aí, figurativamente representada no Calvário e no Presépio.

Padre Júlio

De cartas

«Peço ao Senhor que o olhar paternal de Pai Américo seja constante e que o divino Espírito Santo ilumine os Padres da Rua a conduzir a bom porto todas as crianças que lhes são confiadas...»

Uma Amiga»

«... Venho nesta época do ano, de tanta felicidade, pois nasceu o Deus Menino... Pessoalmente, não tenho alegria, pois que meu marido está em

fase terminal, com câncer, mas seja feita a vontade de Deus.

Neste período da minha vida, é O GAIATO que me dá algum conforto ao lê-lo, pois há sempre pior do que eu.

Uma Assinante»

«No sentido de abater mais um pouquinho da imensa dívida que tenho para com o nosso santo padre Américo pela inspirada doutrina que correu para a formação cultural e espiritual da minha juventude, aqui envio humilde contributo para a continuação da sua Obra providencial.

Um Amigo»

VACARIA — Os serralheiros, aqui há pouco tempo, estiveram a fazer revisões às máquinas. Montaram peças novas na máquina de dar de comer às vacas, arranjaram a grade de transportar vacas e estiveram a arranjar a buldozer. Temos também mais vitelos que vão nascendo. Continuamos a beber do nosso leite que é muito saboroso. As ervas de cultivo estão a crescer cada vez mais. Quando estiverem grandes, vamos cortá-las para fazermos silagem e fardos.

Desejo um Feliz Natal aos nossos amigos e um Bom Ano.

Gonçalo Leite

MOÇAMBIQUE

Responsabilidade

MAIS um momento empolgante para quantos nesta Casa se dedicam, vinte e quatro horas por dia, à formação dos Rapazes, que a rua nos entrega, alguns bem marcados, pelos vícios que nela predominam, outros simplesmente abandonados pelo pai e por vezes de seguida pela mãe que tenta refazer a vida com outro homem e sacode de si os filhos como carga de que não quer responsabilizar-se.

Coisas do nosso mundo de hoje. Uns não casam por não quererem filhos. Outros casam e não os deixam nascer. Outros põem-nos no mundo e fazem o que nem os irracionais alguma vez fizeram. Abandonam-os ou até os maltratam até à morte.

É por isso que os nossos Rapazes se sentem protegidos e amados como nunca o foram. E embora por vezes com dificuldades de adaptação a uma vida regrada, quando vão amadurecendo, sentem a necessidade e não se negam a ir até à renúncia e ao sacrifício, para alcançar

uma valorização pessoal maior.

Embora estes sejam dados aparentes e de fácil confirmação, somos testemunhas de outros conflitos interiores na alma de cada um, que eles vão ou não expondo à luz da graça de Deus, porque há feridas na alma, cujas cicatrizes não se desvanecem e só Deus tem o remédio. Assim eles guardem e vivem em seus corações a sua Lei de amor.

Vem isto a propósito do último grupo de dez Rapazes que deixou esta Casa do Gaiato, para encarar, com responsabilidade, o seu futuro. Foram escolhidos, com formação escolar da décima ao primeiro ano de universidade. Alguns com cursos secundários feitos, todos com um curso intensivo de informática, contabilidade e recursos humanos. Este curso já em ordem ao desempenho cabal do trabalho que os esperava. Apraz-nos dizer que foram escolhidos entre muitos. Ao primeiro anúncio que a Empresa fez, enviaram trezentos o seu currículo. Destes foram cem chamados e apenas vinte e

seis escolhidos. Os nossos foram todos, embora um, com a mesma preparação e aceite após a entrevista, não quisesse. Claro que também não poderá mais contar com o apoio da Casa. Estes, foram com direito a residência e cuidados de saúde e para já um salário que aqui, na cidade, nunca teriam de início.

Solenizámos a partida com uma Celebração Litúrgica em que, possivelmente pela última vez, se tenham encontrado juntos na Casa que lhes deu o ser e o agir, para enfrentarem a vida. Foi um momento alto de fé e esperança vivido em profunda amizade. E no dia seguinte foram para Tete, onde chegaram em dois dias e foram recebidos por um dos Directores que já conheciam da entrevista e alojados em hotel. Tomaram contacto, naquela semana, com o tipo de trabalho que os esperava e, ao fim, cada um foi levado ao seu lugar definitivo, nas cinco Províncias do norte: Niassa, Chimoio, Sofala, Tete e Zambézia. Vamos acompanhando em oração cada um deles e recebendo de todos notícias a contar como vão. E nós aqui com o coração agradecido a quantos concorreram para este final feliz, ficamos a olhar para o grupo dos que são agora os mais velhos e a sonhar com eles outros voos.

Padre José Maria

Nota do Tempo

ESTE número d'O GAIATO chegará aos seus Leitores em vésperas de Natal. Quem dera que a azáfama do exterior da Festa acordasse, em vez de adormentar, a vivência do Mistério da Salvação duas mil vezes celebrado!

Ao longo de séculos, «das alturas dos Céus caiu o orvalho» dos Profetas que foi alimentando a Esperança dos homens pela manifestação do desígnio de Deus de os não abandonar. Agora, para consumação deste desígnio, chegou a hora, antes só de Deus conhecida, das «nuvens choverem o Justo». A prece de Isaías foi escutada. E de modo tão admirável, tão generosamente íntimo, que o Justo vem penetrar na Humanidade, fazer-Se parte dela para a tornar capaz e fértil da Justiça que é carácter do Reino de Seu Pai. Esta é a Causa. É a potência a que o Profeta acrescenta a condição que a tornará em acto (Is. 45-8): «Abra-se a terra e germine o Salvador; e simultaneamente nascerá a Justiça».

Alguns séculos do «orvalho» das Profecias e vinte decorridos depois da «chuva» fecundante do Evangelho sem que a Justiça do Reino seja ainda a têmpera e a bandeira do reino dos homens, fazem prova da queixa de S. João no princípio do seu Evangelho: «O Verbo encarnou e habitou entre os homens, veio para o que era Seu mas os Seus não O receberam». Faz pensar que esta afirmação seja hoje tão actual quanto o foi no início da nossa Era! Jesus veio e ficou connosco, bate às nossas portas para partilhar a ceia dos homens... e não é recebido.

A Justiça que todos pretendem, da qual vários se propõem fautores — onde se encontra concretizada *em obras e em verdade*? Onde está ela no nosso tempo de luzes e em outros menos esclarecidos de que a História é registo? Que alternativa apresentam para a *Justiça a partir do homem justo*, que é o fundamento do projecto Evangélico de direitos e deveres universais?... — uma justiça fabricada pelas mentes de alguns homens arvorados em poder, ou reunidos em assembleias de iluminados?...

O Verbo de Deus fez-Se Filho do Homem para que cada homem possa tornar-se filho de Deus. Não se trata de uma vinda directa e imediatamente para fins sociais. Na medida em que cada homem O receba e aceite a luta inerente à condição fragilizada da sua natureza para que se ultrapasse e transfigure em sentido de justiça pessoal — é desse somatório de Justos que poderá nascer e crescer e aperfeiçoar-se uma Sociedade justa. Utopia?... — mas é o caminho! Também a Salvação é utópica para os homens porque impossível ao seu poder, inacessível à sua iniciativa. É no acolhimento do Desígnio de Deus, para Quem o impossível não existe; e na adesão e colaboração do homem — que se vai desmitificando a utopia e tornando-a realidade ao encontro da mais profunda aspiração do Homem: a Paz.

Quando se reclama o Natal de Festa da Família, sim!, se a dimensão da Família for ampliada a toda a Humanidade. É fácil e bonito dizer que Jesus nasceu para todos os homens. Mas é muito mais exacto e responsabilizante pensar que Ele nasceu para cada homem. A universalização vem na sequência do Seu Natal e é a obra que Ele confiou ao homem, a cada um: assumir-se idealmente irmão de todos os outros e concretizar esse pensamento *em obras e em verdade*, em proveito dos que estão ao seu alcance — o Próximo de cada um.

Padre Carlos

Património dos Pobres

NA minha última comunicação dei conta dos valores que o Senhor tem posto em minhas mãos, não para elogios de ninguém, mas para todos nos alegrarmos, dando glória a Deus.

Por causa da mesma glória, devo também dizer onde empreguei tanto dinheiro.

Cinco mil setenta e quatro euros e cinquenta e um cêntimos, foram o salvamento de um antigo gaiato encravado na vida por um acidente natural e por falta de provisão da sua parte.

Numa casa de família nunca se deve gastar tudo.

Quando há abundância, ou até mesmo se a vida corre mais ou menos, é de todo o bom senso fazer, sempre, uma provisozinha para qualquer eventualidade má que surja, inesperadamente.

E se aparecer um período na vida em que se ganha mais, não é para gastar abundantemente, mas para economizar e reter pensando nas alturas difíceis por que toda a gente passa. Doutrina actualizada, diariamente, nas Casas do Gaiato e posta em prática com dinheiro confiado aos bolsos dos Rapazes, de mês a mês, e controlado, para que todos e cada um tenha sempre dinheiro consigo e se habitue a poupá-lo, como fazem os pais nas famílias numerosas e sãs.

O ambiente cultural gastador, fez-lhe esquecer estas regras sábias.

Veio uma enxurrada repentina; alagou-lhe a garagem e afogou-

lhe o veículo de transporte e oficina. O reparador exigiu-lhe pagamento a pronto. Sem dinheiro na frente, não lhe dava a carrinha!...

Um ano à espera!... Trabalho por conta de outrem e não directamente, como era!... Três filhos para governar. Renda de casa alta, etc...

Veio outro Gaiato ter comigo, interceder e aboná-lo: — *Ele trabalha para nós, e nós descontaremos por ele. Pode confiar.* — É tão positivo e reconfortante ver os Rapazes a ajudarem-se!

Dei-lhe mil euros sem retorno. O resto, como empréstimo, irá sendo deduzido, mensalmente, em quantias de 150 euros que o fador transferirá para a conta do Património.

Socorremos de duas maneiras!... É que os pobres não cobram juros, e mais: ajudam os pobres!...

Muitos amigos nossos, levados pelo Amor, fazem grandes sacrifícios e duras privações para nos ajudarem. Deus tudo vê. É bom o temor de Deus. Há que fugir, por isso, de tudo o que é supérfluo. A Deus ninguém, mesmo que O negue, é capaz de fugir.

Outra quantia avultada dei-a a um autoconstrutor.

A recomendação chegou-me pelo Padre Telmo, com carta do Pároco a informar: «*que tomei conhecimento das dificuldades económicas que o senhor F. está a passar, o que torna extraordinariamente difícil levar avante a finalização da construção da sua casa,*

tanto mais que tem dois filhos ainda menores (6 e 14 anos). Exerce a profissão de trolha (de 2.ª).

Fui ver. Era longe, mas as distâncias, hoje, vencem-se facilmente.

Uma tarde solarenga, deste Outono avançado vestia-se de lindíssimas cores e o sol, flamejante, entrava de frente na casa pelas aberturas das janelas e das portas, ainda ausentes, dourando o esforçado trabalho daquele autoconstrutor e exibindo a boa orientação do rasteiro edifício.

É muito agradável contemplar uma casa espaçosa, erguida por um pobre, à custa do seu heroísmo!... Há quatro anos!... sem desfalecer nem se empenhar nos Bancos!...

Tudo amplo; a sala cozinha, os três quartos e as duas casas de banho. Um piso único mas bem dividido.

Trabalho feito ao sábado, aos feriados e com a ajuda dos amigos.

Avisado pela sogra, o nosso homem a trabalhar perto, compareceu rapidamente. Era vê-lo a falar da casa!... Os olhos fundos, numa cara vermelha, atiravam-nos centelhas de entusiasmo e de alegria com tanta força que quase nos derrubavam. Dei-lhe quando me pediu, 4.500 euros.

E mais, acrescentei: — *Olhe que este dinheiro é-me dado por amor de Deus. É Ele que o vem ajudar.*

Gostaria muito que estas verdades fossem pregadas na Igreja e

PENSAMENTO

Senhor, deixai-me servir! Servir até ao chão. Fazer recados. Pegar em cestos. Levar pacotes. tudo coisas apagadas, tidas por nada, como convém aos servos inúteis.

PAI AMÉRICO

que a comunidade toda se empenhasse em ajudar este notável membro, mas estes processos apostólicos ficaram esquecidos nos compêndios do Vaticano II e lá dormem, à espera de algum atrevido.

Sim, respondemos ao apelo dos Párocos, mas alegrava-me mais se viesse, todavia, cumular a sua acção.

Entreguei, ainda, àquele Pároco do Minho, a primeira de três prestações, para reedificar mais rapidamente a casa da família pobre,

que se andava a refazer somente aos sábados, quatro mil euros.

É preciso passar por lá para estimular também os Piores e os Abades entregues a assuntos menos importantes que o mal viver dos seus pobres.

A direcção postal do Património dos Pobres:

*Lar do Gaiato
Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.*

Padre Acílio